

volume

**25/2**

Agosto/2020

ISSN 2596-2876

ICH - UFPel



# História em revista

revista do núcleo de documentação histórica

dossiê: Ensino de História e Educação em Tempos de Incerteza

*Casa de primeira ordem Casa de primeira ordem Casa de primeira ordem  
especialidades em duas especialidades em duas especialidades em duas  
para casamentos, baptizara casamentos, baptizara casamentos, bapti-  
sados e banquetes. E' osados e banquetes. E' osados e banquetes. E' os  
única de positura da ufurica de positura da ufurica de positura da ufurica  
muda Guarana Espumamuda Guarana Espumamuda Guarana Espumamuda  
te e de excelente observo e de excelente observo e de excelente observo  
lab Laeta, fabricandos catals Laeta, fabricandos catals Laeta, fabricandos  
S. Paulo pelos Ses. Zus. Paulo pelos Ses. Zus. Paulo pelos Ses. Zus.  
motta Leovicio & Compatta Leovicio & Compatta Leovicio & Compatta  
J. Cantatara Braso 09J. Cantatara Braso 09J. Cantatara Braso 09*



Hist. Rev. Pelotas Número 25/2 p.1 - 215 ago. 2020



**Obra publicada pela  
Universidade Federal  
de Pelotas**

*Reitor*

Pedro Rodrigues Curi Hallal

*Vice-Reitor*

Luis Isaías Centeno do Amaral

*Direção de Gabinetes da Reitoria*

Taís Ullrich Fonseca

*Pró-Reitora de Ensino*

Maria de Fátima Cossio

*Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação e Inovação*

Flávio Fernando Demarco

*Pró-Reitora de Extensão e Cultura*

Francisca Ferreira Michelin

*Pró-Reitor de Assuntos Estudantis*

Mário Renato de Azevedo Jr.

*Pró-Reitor Administrativo*

Ricardo Hartlebem Peter

*Pró-Reitor de Gestão da Informação e Comunicação*

Julio Carlos Balzano de Mattos

*Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento*

Otávio Martins Peres

*Pró-Reitor de Gestão de Pessoas*

Sérgio Batista Christino

*Editora e Gráfica Universitária - Conselho Editorial*

*Pres. do Conselho Editorial:* João Luis Pereira  
Ourique

*Repr. das Engenharias e Computação:* Darci Alberto  
Gatto

*Repr. das Ciências Biológicas:* Flávio Roberto Mello  
Garcia e Marínes Garcia (suplente)

*Repr. das Ciências da Saúde:* Francisco Augusto  
Burkert Del Pino e Claiton Leoneti Lencina  
(suplente)

*Repr. das Ciências Agrônômicas:* Cesar Valmor  
Rombaldi, Guilherme Albuquerque de Oliveira  
Cavalcanti (suplente) e Fabrício de Vargas  
Arigony Braga (suplente)

*Repr. das Ciências Humanas:* Márcia Alves da Silva  
e Cláudio Baptista Carle (suplente)

*Repr. das Ciências Sociais Aplicadas:* Carla Rodrigues  
Gastaud

*Repr. das Linguagens e Artes:* Josias Pereira da Silva  
e Eleonora Campos da Motta Santos (suplente)

*Instituto de Ciências Humanas*

*Diretor:* Prof. Dr. Sebastião Peres

*Vice-Diretora:* Profa. Dra. Andréa Lacerda  
Bachettini

*Núcleo de Documentação História da UFPel – Profa.  
Beatriz Ana Loner*

*Coordenadora:*

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

*Membros do NDH:*

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

*Técnico Administrativo:*

Paulo Luiz Crizel Koschier

*História em Revista* – Publicação do Núcleo de Documentação Histórica

*Comissão Editorial:*

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes  
Prof<sup>a</sup> Dra. Lorena Almeida Gill

*Conselho Editorial:*

Prof<sup>a</sup> Dra. Helga I. Landgraf Piccolo (UFRGS)  
Prof. Dr. René Gertz (UFRGS) (PUCRS)  
Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)  
Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)  
Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos Aires).  
Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)

*Editores:* Sirlei Teresinha Gedoz | Halferd Carlos Ribeiro Junior | Alessandra Gasparotto

*Editoração e Capa:* Paulo Luiz Crizel Koschier

*Imagem da capa:* Carlos Eduardo Sperb

*Pareceristas ad hoc:* Alba Cristina Couto dos Santos Salatino (IFRS) | Carla Beatriz Meinerz (UFRGS) | Claudia Daiane Garcia Molet (UFPel) | Debora Clasen de Paula (UFFS) | Gerson Wasen Fraga (UFFS) | Katani Maria Monteiro Ruffato (UCS) | Lisiane Sias Manke (UFPel) | Mairon Escorsi Valério (UFFS) | Nilton Mullet Pereira (UFRGS) | Vera Lúcia Maciel Barroso (Centro Histórico-Cultural Santa Casa de Porto Alegre)

*Editora e Gráfica Universitária*

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 | Fone/fax: (53)3227 8411  
e-mail: editora@ufpel.edu.br

*Edição:* 2020/1

ISSN – 2596-2876

**Dados de catalogação na fonte:**

Aydê Andrade de Oliveira - CRB - 10/864

História em revista / publicação do Núcleo de Documentação Histórica. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas. v.25/2, (ago. 2020). – Pelotas: Editora da UFPel, 2020.  
1v.

Semestral  
ISSN 2596-2876

1. História - Periódicos. I. Núcleo de Documentação Histórica. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas.  
CDD 930.005

**Indexada pela base de dados Worldcat Online Computer Library Center**

**UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas**

Rua Cel. Alberto Rosa, 154 - Pelotas/RS - CEP: 96010-770

Fone: (53) 3284 3208 -

<http://wp.ufpel.edu.br/ndh/>

*e-mail:* [ndh.ufpel@gmail.com](mailto:ndh.ufpel@gmail.com)

**\* obra publicada em dezembro de 2020**



Os textos contidos neste volume são de responsabilidade exclusiva de seus respectivos autores. Salvo informação explícita em contrário, o(a)s autor(a) (es) respondem pelas informações textuais e imagéticas contidas no presente volume.

## SUMÁRIO

	<b>APRESENTAÇÃO</b>	
	INTRODUCTION	
Sirlei Teresinha Gedoz   Halferd Carlos Ribeiro Junior   Alessandra Gasparotto		<b>06</b>
FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ROMPENDO AS FRONTEIRAS HISTÓRICAS SOBRE O FAZER DOCENTE		
TEACHER TRAINING: BREAKING HISTORICAL BORDERS ON DOING TEACHER		
Shirlei Alexandra Fetter   Raquel Karpinski   Denise Regina Quaresma da Silva		<b>11</b>
SER PROFESSOR DE HISTÓRIA EM TEMPOS DE CRIMINALIZAÇÃO DO FAZER DOCENTE		
BE A HISTORY TEACHER IN THEACHER CRIMINALIZATION TIMES		
Elvis Patrik Katz   Andresa Silva da Costa Mutz		<b>28</b>
O ENSINO DE HISTÓRIA DA ÁFRICA E DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA: OS DESAFIOS DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NA REGIÃO DE ERECHIM/RS		
THE HISTORY EDUCATION OF ÁFRICA AND AFRO-BRAZILIAN CULTURE: THE CHALLENGES OF ANTIRACIST EDUCATION IN THE ERECHIM/RS REGION		
Luciana da Veiga		<b>47</b>
HISTÓRIA DA ÁFRICA E AFRO-BRASILEIRA: AUTONOMIA NO ENSINAR E APRENDER		
AFRICA AND AFRICA'S HISTORY: AUTONOMY IN TEACHING AND LEARNING		
Aristeu Castilhos da Rocha		<b>70</b>
ENSINO DE HISTÓRIA AFRO-BRASILEIRA ATRAVÉS DE MAQUETES DO LASCA-UFSM		
TEACHING AFRO-BRAZILIAN HISTORY THROUGH LASCA-UFSM MODELS		
Valeska Garbinatto   André Luis Ramos Soares		<b>96</b>
SABERES E VALORES DAS PESSOAS NEGRAS EM MOVIMENTO: ENSINAR HISTÓRIA EM COLETIVIDADES EMANCIPATÓRIAS		
KNOWLEDGE AND VALUES OF BLACK PEOPLE IN MOTION: TEACHING HISTORY IN EMANCIPATORY COLLECTIVITIES		
Maurício da Silva Dorneles   Carla Beatriz Meinerz		<b>114</b>
COMO TRABALHAR COM A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL PRODUZIDA NOS MUSEUS E EM OUTROS ESPAÇOS? UMA EXPERIÊNCIA ENTRE O MEMORIAL DA RESISTÊNCIA DE SÃO PAULO E O CURSO PRÉ-UNIVERSITÁRIO POPULAR UP, CAPÃO DO LEÃO-RS		
HOW TO WORK WITH HERITAGE EDUCATION PRODUCED IN MUSEUMS AND OTHER SPACES? AN EXPERIENCE BETWEEN THE MEMORIAL DA RESISTÊNCIA AND THE CURSO PRÉ-UNIVERSITÁRIO POPULAR UP, CAPÃO DO LEÃO-RS		
Milena Rosa Araújo Ogawa   Amanda Nunes Moreira		<b>132</b>

APRENDIZAGEM HISTÓRICA E GÊNERO: UMA EXPERIÊNCIA COM AULA OFICINA HISTORICAL LEARNING AND GENDER: AN EXPERIENCE WITH WORKSHOP CLASS	Amanda Nunes Moreira	155
“NÃO É PRECISO QUEIMAR SUTIÃS EM PRAÇA PÚBLICA”: O DIA INTERNACIONAL DA MULHER ATRAVÉS DO JORNAL PIONEIRO	“NO NEED TO BURN BRAS IN PUBLIC SQUARE”: INTERNATIONAL WOMEN'S DAY THROUGH PIONEIRO NEWSPAPER	179
UMA IMAGEM VALE MAIS DO QUE MIL PALAVRAS: CONSIDERAÇÕES ACERCA DO USO DA FOTOGRAFIA NO ENSINO DA HISTÓRIA	Rúbia Hoffmann Ribeiro   Eliana Gasparini Xerri	
A PICTURES IS WORTH A THOUSAND WORDS: CONSIDERATIONS ABOUT USING PHOTOGRAPHY IN HISTORY EDUCATION	Isabella Czamanski Rota	199

# ENSINO DE HISTÓRIA AFRO-BRASILEIRA ATRAVÉS DE MAQUETES DO LASCA-UFSM

## TEACHING AFRO-BRAZILIAN HISTORY THROUGH LASCA-UFSM MODELS

Valeska Garbinatto<sup>1</sup>  
André Luis Ramos Soares<sup>2</sup>

---

**Resumo:** O Laboratório de Arqueologia, Sociedades e Culturas das Américas – LASCA, ligado ao Dep. de História da Universidade Federal de Santa Maria, vem produzindo maquetes para ensino de história desde 2006. A partir do ano de 2010 iniciamos a produção de maquetes para o ensino de História Afro-brasileira, considerando a Lei 11.645/2008 que altera a Lei 9.394/1996 (modificada pela Lei 10.639/2003), a qual estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e cultura afro-brasileira e indígena”. O objetivo das maquetes é fornecer um subsídio material para a problematização do ensino de história. A metodologia do trabalho consiste em apresentar as maquetes aos educandos e discutir sobre alguns dados desde antes da chegada dos europeus até as consequências dos processos de escravidão, manumissão, e inserção na sociedade brasileira. Os resultados até o momento apontam que as maquetes são meios úteis para a discussão, haja vista a quantidade de detalhes representados e são suportes vívidos do cotidiano dos períodos em questão. Concluímos que o uso de maquetes pode facilitar a aprendizagem no meio escolar e servir como ferramenta de ensino de história.

**Palavras-chave:** maquetes; ensino de história; história afro-brasileira.

**Abstract:** The Laboratory of Archeology, Societies and Cultures of the Americas - LASCA, linked to the History Dep. of the Federal University of Santa Maria, has been producing models for history teaching since 2005. After 2010 we started the production of models for Afro-Brazilian teaching of History, considering Law 11,645 / 2008 amending Law 9,394 / 1996 (modified by Law 10,639 / 2003), which establishes the guidelines and bases of national education, to include in the official curriculum of the education network the mandatory theme "History and culture" Afro-Brazilian and indigenous". The purpose of the models is to provide a material subsidy for the problematization of history teaching. The methodology of the work consists in presenting the models to the students and discussing some data from before the arrival of the Europeans and the consequences of the processes of slavery, manumission, and insertion in Brazilian society. The results indicate that the models are useful means for the discussion, given the amount of details represented and are vivid supports of the daily life of the periods in question. We conclude that the use of models can facilitate learning in the school environment and serve as a teaching tool for history.

**Keywords:** models; history teaching; Afro-Brazilian history.

---

## Introdução

O Laboratório de Arqueologia, Sociedades e Culturas das Américas – LASCA, foi criado em 2018 através da fusão de dois Laboratórios pré-existentes, o Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas- LEPA, que tinha sob sua coordenação o professor Saul Milder e o Núcleo de Estudos

---

<sup>1</sup> Professora da rede básica de ensino, atua no Colégio Estadual Elpídio Ferreira Paes, e-mail: [vgarbinatto@yahoo.com.br](mailto:vgarbinatto@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Professor Departamento de História da UFSM, e-mail: [alrsoaressan@gmail.com](mailto:alrsoaressan@gmail.com)

do Patrimônio e Memória – NEP, coordenado pelo professor André Soares. Após o falecimento do primeiro e determinação do Ministério Público, indicando a fusão dos dois laboratórios sob a mesma coordenação, os dois laboratórios são reunidos sob o novo nome de LASCA. Embora o NEP já desenvolvesse atividades com maquetes para ensino de história desde 2006, a partir de 2009 (Lopes e Soares, 2009) o Núcleo iniciou a produção de maquetes para o ensino de História Afro-Brasileira. Com a fusão entre LEPA e NEP desde 2014, o desenvolvimento deste e outros projetos passaram a ser desenvolvidos no LASCA.

## **A proposta**

A aplicação das maquetes na área da educação é bastante promissora para construção e o desenvolvimento do processo do conhecimento, pois tornam mais dinâmicas as relações entre corpo discente e corpo docente, envolvendo um grande número de pessoas no âmbito escolar. Evidentemente, esses instrumentos lúdicos não abrangem toda a complexidade que envolve o processo educativo, mas podem contribuir para melhorar e facilitar a aprendizagem, trazendo o ensino para um ramo ou uma área onde o educando já tem familiaridade (Weston e Weston, 2000). Isto se explica pelo simples fato de que a criança, nas séries iniciais do ensino fundamental, aprende mais facilmente quando vê, quando toca e interage com os objetos. Se o que o professor trazer para sua aula estiver dentro destas alternativas, com certeza os educandos terão maior interesse. Ainda, tendo em vista o fato da curiosidade ser algo natural do ser humano, e o fato das informações disponibilizadas pela mídia e outras ferramentas de busca, como a rede mundial de computadores praticamente serem inesgotáveis, acredita-se que as maquetes podem despertar mais interesse que os tradicionais “protagonistas” da classe (o giz e o quadro verde), muito presente mas pouco atrativos para jovens e adolescentes.

Na construção do conhecimento, as maquetes proporcionam a visualização concreta das representações dos acontecimentos históricos, tipologias arquitetônicas, acidentes geográficos, fenômenos climáticos e ambientais, entre outros. O recurso audiovisual é algo que se por si só possui uma carga de informações, permitindo às pessoas entender e contextualizar com maior facilidade o

que se está sendo tratado (Soares et all., 2014). Também, elas desempenham um papel importante enquanto instrumento de “representação do espaço”, pois, ao reproduzir tridimensionalmente elementos que os desenhos bidimensionais não são capazes de explicitar, tornam-se muito eficazes para a compreensão das proporções e das diversas relações que ocorrem em determinado local. Assim, esses instrumentos de apoio à aprendizagem, quando adequadamente aplicados, elevam o grau de compreensão e a apreensão de conhecimento por parte dos educandos, podendo, dessa forma, aliar sua capacidade intuitiva a uma habilidade intelectual e reflexiva.

Assim, propõe-se a construção de materiais didáticos que contribuam para a construção de um ensino voltado para o desenvolvimento crítico do educando, fazendo com que ele participe e busque suas informações nas mais variadas fontes e tenha acesso a diferentes linguagens relativas aos temas e assuntos trabalhados. (Rockenbach; Marqueti; Alves; Custódio, 2002).

Entende-se por maquete uma representação tridimensional real, em escala exata ou aproximada (utilizando-se redução ou ampliação do objeto real), com funções, objetivos, materiais, acabamentos e características variadas. Uma maquete completa, em relação ao sítio, deve reproduzir o terreno, área ou região onde está ou será inserido o projeto, levando-se em consideração que esse local é formado por elementos como relevo, vegetação, áreas de circulação, acessos, limites, etc. Em relação à arquitetura, devem reproduzir de forma precisa todos os detalhes da edificação em questão, com a preocupação de representar suas fachadas e cobertura (quando se limita a mostrar detalhes externos) ou ainda os compartimentos e suas funções (quando, além do exterior, mostra os detalhes internos). Ainda, para uma correta apresentação, há preocupação com tratamento de superfícies, representação dos tipos de vegetação e de pavimentação.

É de suma importância, para a confecção de uma maquete, a utilização de uma escala apropriada, que é a relação de dimensões entre o objeto real e o objeto representado, fazendo-se válida a utilização de elementos que auxiliem na sua percepção, como calungas, automóveis e mobiliário urbano. Os calungas (personagens que compõem a maquete) são usados para humanizar esses projetos e ajudam ter uma ideia de proporções ou “escala humana”. Assim, devido aos temas e a mobilidade no transporte das maquetes, todas tem um suporte de 50 cm x 50 cm, e alturas variadas, conforme a

representação.

As maquetes devem apresentar metodologia, planejamento e certa habilidade técnica na escolha da: linguagem, escala, nível de detalhamento, materiais e técnicas construtivas, cores e texturas, solução ergonômica, dimensões e outras características físicas, componentes sensoriais e assim por diante. Isso tudo em função de um entendimento conceitual, estético e funcional, bem como do grau de envolvimento do observador.

Para a confecção deste material lúdico é necessário inicialmente fazer um estudo bibliográfico a respeito do tema e do período histórico a ser registrado. Textos explicativos (contendo fatos históricos, datas, descrição das personagens e dos ambientes onde ocorrem os fatos, etc.) e imagens diversas (mapas, desenhos, croquis, fotografias, etc.) são materiais importantes para a conformação de um suporte teórico para fundamentar a construção da maquete. Tendo em mãos este suporte, pode-se estipular as dimensões que a maquete tomará ao final do seu processo de confecção, definindo-se em função disto a escala em que deverá ser feita.

A etapa seguinte diz respeito à elaboração, em escala, dos desenhos iniciais para o projeto da maquete, os quais geralmente sofrem algumas alterações no decorrer do processo. Em seguida, faz-se um breve estudo das técnicas e levantamento dos tipos de materiais que poderão ser utilizados, bem como uma previsão da quantidade e custos de aquisição destes.

### **As maquetes**

Da necessidade de buscar recursos para abordar as questões relacionadas à História Afro-Brasileira e Africana, aliando a análise arqueológica aos dados históricos, surge a proposta de confecção e atividades pedagógicas com as maquetes produzidas pela equipe do LASCA -UFSM. As maquetes foram construídas em diferentes momentos, mas atualmente procura trabalhar com uma história dos processos que, durante a História da África e do Brasil, apresentam maior relevância, além do que as maquetes, desde o início, se propõem a trabalhar com uma História de longa duração, e não uma história dos eventos. Assim, não privilegiamos batalhas, guerras ou qualquer ação de curta duração: ao contrário, buscamos representar, nas maquetes, processos com duração de pelo menos

200 anos, as vezes mais, com a exceção apenas das Charqueadas e do Cortiço, como se explicará adiante.

As maquetes, em ordem temporal, são as seguintes, considerando que são representações esquemáticas, e não pretendem ser réplicas dos originais, nem modelos em escala perfeita, mas sim releituras do que poderiam ter sido estes lugares e espaços:

### **Maquete do Grande Zimbábue**

Esta maquete visa proporcionar algumas informações sobre os reinos existentes na África em período anterior a escravização destes povos (figuras 1 e 2). O Reino de Zimbábwe (c.1220-1450) estava localizado no atual Zimbábue, a sudeste do continente Africano. Sua formação antecede o século XI de nossa era, tendo seu apogeu entre os séculos XIII e XV. Acredita-se que, ao redor da grande muralha, habitavam cerca de 20.000 pessoas no local. É atribuído ao Grande Zimbábwe o controle do comércio do marfim e do outro do interior para a costa, bem como a mineração do ouro, cobre e ferro, além da criação do gado. Com esta maquete apresentamos um reino com características similares a outros reinos contemporâneos, bem como sua complexidade e alcance no período.



Figura 1 e 2: Maquete do Grande Zimbábue. Escala 1:225. Base com 50 cm x 50 cm

### Maquete do Navio Negreiro

Na sequência do recorte temporal, temos o processo de escravização dos povos africanos, retratada pela maquete do navio negreiro (Figuras 3 e 4). A descrição mais contundente do que foi um navio negreiro ou tumbeiro (de tumba, caixão, espaço de morte) é sem sombra de dúvida o poema homônimo de Castro Alves ([1868] - 2016). Em versos é relatada a travessia feita pelos africanos que seriam escravizados em terras brasileiras ou americanas, como um todo. A sensibilidade de Castro Alves faz com que possamos vislumbrar a dor e agonia de milhões de seres humanos ao longo de 400 anos.

A reconstituição de um navio como este implica a pesquisa não só arqueológica, mas documental acerca do que foi o período do tráfico de almas via Atlântico. Temos para o período que vai do século XVI até meados do século XIX, com a proibição inglesa para o tráfico em 1845 (Lei Bill

Aberdeen), desde a adaptação das caravelas portuguesas até a construção apropriada de navios para o traslado ilegal de almas (Rodrigues, 2018).

Talvez mais significativo que Castro Alves seja Alex Halley em *Raízes Negras*, adaptado para a televisão nos anos 1980 como a célebre história de *Kunta Kinte* e sua descendência nos Estados Unidos da América. São quase trinta páginas de descrição de uma viagem de pouco mais de 50 dias. As acomodações, as doenças, as correntes prendendo uma pessoa em outra, a ausência de luz e de salubridade, as reações de marinheiros e africanos. Obviamente Halley (1976) vai beber na fonte dos relatos autobiográficos que já circulavam nos meios acadêmicos como os de Mohamamah Baquaqua e Olaudah Equiano, assim como os depoimentos de traficantes de escravizados dados ao parlamento britânico anos antes da aprovação da Bill Aberdeen. Transpor para uma maquete este quadro significa não só visitar a literatura acadêmica, como também as imagens produzidas por Moritz Rugendas, igualmente célebres e clássicas. O que nos auxilia a construir uma perspectiva histórica e humana do que foi este período.



**Figuras 3 e 4:** Maquete do Navio Negroiro. Escala 1:100. Base com 50 cm x 50 cm

### **Maquete da Casa Grande e Senzala**

Um dos primeiros relatos consistentes do fenômeno da escravização africana em solo brasileiro e seus aspectos sociais e culturais se encontra no texto clássico de Gilberto Freyre “Casa Grande e Senzala” (2019), produzida entre os anos de 1920 e 1930. Sua contribuição para o

pensamento brasileiro é inegável ainda que possamos estabelecer críticas a sua perspectiva conservadora e mitificadora da formação da sociedade brasileira colonial.

É neste texto que podemos observar a importância da arquitetura como construção e materialização das relações sociais: a casa grande, espaço por excelência da branquitude e da camada dominante, e a senzala como ambiente do seu oposto social. A relação de interdependência e de subjugação pode ser percebida no tipo de espaço construído, nos materiais utilizados para sua confecção, na distância entre um ambiente e outro.

Muitas pesquisas arqueológicas têm sido realizadas em todo o território nacional por onde a agricultura de *plantation* se organizou e não só essa (Symanski, 2018). Através dos sítios arqueológicos espalhados podemos ver exemplos de arquitetura colonial de estilo português, usos de determinados tipos de pedras, fundamentos, alicerces. A forma como estes ambientes foram erguidos, em que áreas, com que visibilidade nos permite avaliar a ocupação e a construção de um espaço geográfico que pode ser transcrito para a maquete observando as regras de escala e proporção. Através do exercício da imaginação histórica e arqueológica podemos ler os fragmentos de uma Memória social e cultural, bem como podemos efetivar um movimento de sustentação desta memória, antes que se perca.

A senzala é um espaço de convivência dos negros escravizados, mas os registros dessa existência e dessa convivência estão muitas vezes circunscritos à fragmentos quase perdidos. Não é possível levar nossos jovens estudantes aos espaços de pesquisa arqueológica por motivos óbvios sendo a maquete um recurso de visualização útil neste sentido.

Quando lemos o texto de Freyre notamos que a arquitetura do espaço colonial expressa organização social e política vigente no Brasil antes do processo de urbanização e industrialização. O patriarcalismo presente nas relações humanas toma uma forma específica dentro do espaço que é a casa grande (Figura 5). Neste espaço estão sujeitos homens e mulheres, crianças e velhos, negros e brancos aos desígnios do senhor de terras. A estrutura é construída para permitir seu acesso desses seres humanos, transitar sem entraves da sala de jantar aos quartos, destes à cozinha, da cozinha para o espaço de varanda e de senzala. As janelas projetadas para capturar o máximo de insolação, mas também para permitir ver todo o território que está sob sua chefia: campos mais ao longe, área de

roçado, onde os trabalhadores escravizados devem e podem circular; e é claro: onde devem ser confinados ao final do dia (Figura 6).

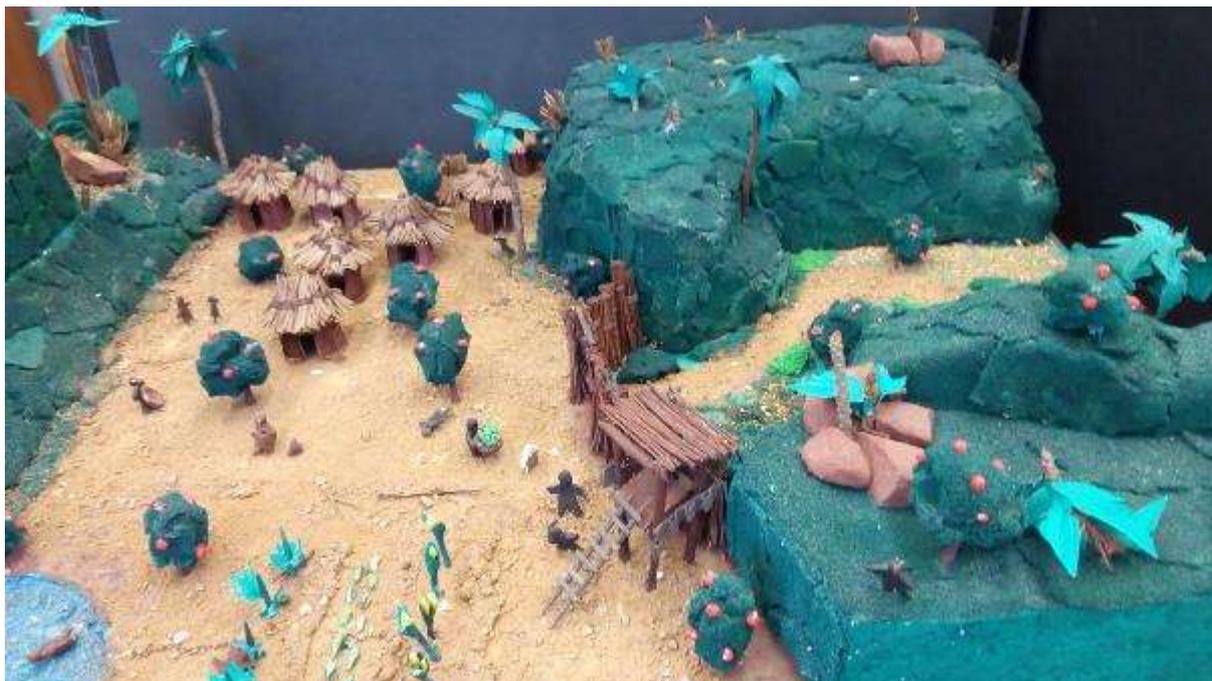


**Figuras 5 e 6:** Maquete baseada na obra de Gilberto Freyre, à esquerda, e desenho publicado na obra. Escala 1:100. Base com 50 cm x 50 cm

### Maquete do quilombo dos Palmares

Se não o maior, o quilombo mais famoso da História Afro-Brasileira. Não há como dizer de outra forma: os quilombos são espaços geográficos de resistência e de vida que se sobrepõe ao fenômeno econômico e social que perdurou no Brasil de 1500 a 1888. Retratar Palmares é buscar trazer para a dimensão da maquete toda uma série de relações humanas, entre econômicas e culturais, que este espaço e momento representaram.

Não há representações do Quilombo ou das outras 30 aldeias (segundo se estima) que se alocaram na Serra da Barriga, na então capitania de Pernambuco. Seu auge foi durante o século XVII, e sua representação é fundamental para explicar a resistência ao sistema colonial e escravista, que desde 1580 já servia como refúgio dos foragidos e de outros tantos marginalizados do sistema colonial (Figura 7). As escavações arqueológicas realizadas por Pedro Paulo Funari e Charles Orser Jr. apontam uma cultura material onde se evidencia, na Serra da Barriga, a presença de negros, índios, e todo tipo de excluídos, como brancos que deveriam estar fora ou a margem do regime (Funari, 1996). O Quilombo dos Palmares, para além de representar a resistência a escravidão, aponta para uma ameaça ao modelo de economia escravista, que será combatido com toda a força e brutalidade, dando origem a vários outros momentos de resistência e, conseqüentemente, de repressão.



**Figura 7:** Maquete hipotética de como seria o assentamento no Quilombo dos Palmares. Escala 1:100. Base de 50 cm x 50 cm.

### Maquete da Charqueada São João, em Pelotas

A grande indústria de produção de charque foi elemento fundamental para consolidação da economia agropecuária da província sul-rio-grandense durante o século XIX e alguma parte do século XX. O charque tornou-se um componente importante de nossa culinária local desde muito cedo. Além disso graças a ele o Rio Grande do Sul tornou-se parte de um mercado consumidor significativo dentro do então império brasileiro.

Remanescentes desta economia encontramos espaços de visitação espalhados pelas áreas do sul do estado nas regiões de Pelotas, Santa Bárbara do Sul, Santa Vitória do Palmar. Muitos destes foram palco de escavações arqueológicas importantes e cenários de atividades cinematográficas recentes. Além de estarem integrados à conjuntos arquitetônicos específicos de uma elite agropastoril e comercial que se constituiu a partir do século XIX em todo o sul do Brasil. O que estes espaços nos revelam?

Sabemos pelos documentos preservados em arquivos e centros de documentação do RS que as charqueadas podiam chegar a ter um número expressivo de trabalhadores entre escravizados e livres, algo entorno de 80 a 120 pessoas. Entre abates e preparação da carne para ser devidamente beneficiada estamos falando de algo em média de 100 a 400 mil cabeças de gado. Com isso havia toda uma produção de gado de corte, específico para ser transformado em charque: vendido, engordado, tratado e levado até estes espaços (Vargas, 2017).

Os exemplares arquitetônicos ainda de pé e preparados para visitação turística ao longo do sul do RS nos permite uma ideia das dimensões ocupadas pelos verdadeiros complexos que se transformaram as charqueadas (Figura 8). Onde o gado era abatido, como a carne era cortada, onde se lavava esta carne, onde se fazia a salga, onde curtia, o que se fazia com ossos e couros? São perguntas que nos ajudam a perceber como espaço geográfico era apropriado e construído.

Do novo nos remete às rela es humanas de produ o presentes nestes complexos: qual a média de horas de trabalho, como viviam os escravizados, onde dormiam, qual a base de sua alimenta o. Principalmente, quais as especificidades deste tipo de trabalhador escravizado e como sua subjug o se tornava ainda mais importante.

Através da documenta o histórica: inventários, relatos de viajantes, periódicos da época, correspondências trocadas entre membros do executivo dos estados envolvidos na compra-venda-translado do charque sabemos as dimensões que esta indústria tomou e sua importância. Uma guerra civil foi travada para a diminui o dos impostos sobre ela! Assim, nos pouco mais de 100 anos de indústria saladeril no estado, sabemos que a Charqueada foi batizada inclusive de “purgatório dos negros” (Magalhães, 1993, Apud. Santos, 2008, p. 64), dadas as condi es insalubres e o trabalho extenuante dado aos escravizados.



**Figura 8:** Maquete da Charqueada São João, em Pelotas. Escala 1:100. Base de 50 cm x 50 cm.

### Maquete d'O Cortiço

Continuando o que pensamos ser uma cronologia Histórica, após o fim da escravatura e os diferentes processos de abolição e compra de alforria, a situação das pessoas negras no Brasil mantinha os padrões de exclusão e marginalização. A maquete de “O Cortiço”, baseado na obra de Aluísio de Azevedo de 1890, retrata um lugar desolado explorado pelo comerciante João Romão, no qual busca a riqueza através da exploração das pessoas e da sua amásia, a escrava Bertoleza. O romance é uma obra máxima do naturalismo, com detalhe para as teses naturalistas de que o ambiente subverte o ser humano. Nesta maquete apresentamos, baseado na obra homônima, como deveria ser a vida das pessoas excluídas e marginalizadas no final do século XIX (Figura 9). Destacando que após a abolição, o espaço social reservado aos negros era a invisibilidade, a marginalidade e a exclusão social. O conjunto de maquetes serve para problematizar questões como a dívida histórica do governo por reparação aos povos escravizados, a ausência de medidas de inclusão no pós-abolição, bem como outros temas, como racismo estrutural, entre outros.



**Figura 9:** Maquete baseada na obra de Aluísio Azevedo, d'O Cortiço. Escala 1:225. Base de 50 cm x 50 cm.

### **A experiência no Colégio Estadual Elpídio Ferreira Paes**

O Colégio Estadual Elpídio Ferreira Paes, localizado na rua Inhanduí, 432, bairro Cristal, Porto Alegre, é uma escola pública de periferia que atende aproximadamente 850 crianças e adolescentes em três turnos escolares, do ensino básico ao Médio. Pertencem a classe baixa, pois todos precisam do Bolsa Família para frequentar a escola. Está localizado no bairro Cristal, mas atende alunos das Vilas Cruzeiro, Jockey Club, entre outros bairros periféricos da zona sul da cidade, com altos índices de criminalidade, drogradição, tráfico, entre outros.

Desde 2005 a área de Ciências Humanas da Escola passou por uma reformulação no qual as áreas de História, Sociologia e Filosofia passaram a ter uma condução Afro centrada para aplicação da Lei 10.639/2003, alterada pela lei 11.645/2008, daí o espaço para aplicação e discussão das maquetes.

No currículo da disciplina de História do ensino médio, até 2005, história da África não era contemplada como um conteúdo programático passível de ser analisado e compreendido ao longo de três anos. Em pesquisa no mesmo ano e realizando entrevistas com os professores da área de Ciências Humanas, a resposta para tal situação fundamentava-se na existência de “África” como um tema transversal que apareceria em situações chaves, tais como: as navegações ibéricas ao longo do Atlântico, a importação do braço africano para as lavouras

de cana-de-açúcar ou no ciclo do ouro (Garbinatto e Fraga, 2015, p.2)

Ainda, é preciso perceber que a questão do ensino de História da África nos currículos escolares é permeada de omissões, exclusões, esquecimentos, ou mesmo reafirmando questões que deveriam ter sido superadas, como as abordagens no livro didático ou mesmo nos currículos de ensino fundamental e médio:

(...) a História da África aparece nas seguintes situações: 1) Na Antiguidade, onde se apresenta o Egito Antigo; 2) Na História Moderna, a partir das Grandes Navegações; 3) No Brasil Colonial, onde o negro é escravizado no Brasil para trabalhar nas lavouras, minas e charques; 4) E, por fim, na História Contemporânea, durante o imperialismo, onde se apresenta a partilha da África. O que é possível perceber no currículo? 1) Na História Antiga, o Egito é desvinculado da África, não se apresenta a localização do país e não se fala sobre a sua etnia, apenas sobre a construção das pirâmides, geralmente aludida à opção pejorativa de que estas foram construídas por alienígenas. Questionamos, ao transpassar apenas esta hipótese aos alunos, o professor não estará dando continuidade às ideias racistas e de inferioridade, afirmando que negros seriam incapazes de construir monumentos tão complexos como as pirâmides? 2) Durante as Grandes Navegações, é possível perceber o quão exótica a África é. 3) A partir do Brasil Colônia – período da escravidão – e da História Contemporânea – partilha da África –, se apresenta a submissão e fraqueza dos negros sob a hegemonia branca. Dificilmente, se apresenta outra visão sobre os negros, as suas lutas, suas resistências, etc. (Arend et al, 2015, p. 565)

A aplicação das maquetes aconteceram nas turmas de ensino fundamental, nos 6º anos, bem como nos 1º, 2º e 3º anos do ensino médio, no turno da manhã. As turmas variam de 20 a 35 alunos, sendo que é comum a ausência de professores e substituição entre as disciplinas nos horários. Para a realização desta atividade, foram utilizados turnos com dois períodos consecutivos para fomentar as discussões que cada maquete suscitaria. Como várias escolas de periferia, o número de alunos negros e negras na escola ultrapassa a metade dos estudantes na escola, e para além dos discursos mais comuns sobre os alunos e seus interesses em sala de aula (Garbinatto, 2009) é interessante destacar a forma como esta discussão pode ser problematizada e suas respectivas alternativas (e algumas vezes, soluções).

A partir da Lei 10.639, há uma valorização sobre o negro, o qual luta por igualdade e respeito e se posiciona contra o racismo e a discriminação e subjugação do negro, promovendo, dessa forma “a reconquista de uma identidade positiva, aos grupos atingidos, dotada de amor e orgulho próprios, como também, pode causar a transformação de nossa sociedade, no sentido de incluir os indivíduos ao direito à cidadania.” (VALIM,2012, p. 35-36).

O uso das maquetes (Figura 10), desta forma, além de discutir o ensino de história afro-brasileira na escola, visava problematizar questões históricas que, em muitos casos, não são abordados

por falta de oportunidade para os professores, ou falta de condições para tanto. No caso do Colégio Elpídio, desde o início da reformulação da área de humanas, a problematização vem acontecendo em diferentes formas, como exposições, rodas de conversa, discussão com acadêmicos e professores universitários em torno dos espaços a serem ocupados por estes jovens no futuro, considerando todo o racismo estrutural, preconceitos e marginalização na e da periferia.



**Figura 10:** aplicação e uso das maquetes no Colégio Elpídio.

### **Conclusão?**

Este trabalho aconteceu no ano de 2018, e terá prosseguimento este ano de 2019 na escola, na semana da Consciência Negra, um dos eventos que marcam a pauta da escola. O emponderamento é um processo lento, mas as reflexões que as maquetes permitiram, e as discussões que elas permitiram, nos levam a crer que o resultado é válido, embora longe de ser uma conclusão. Diversas questões ainda devem ser trabalhadas, e embora estejamos construindo uma “linha do tempo” para a história Afro-brasileira, ainda há maquetes a serem construídas e questões a serem problematizadas.

Quando pensamos o projeto inicialmente, tínhamos somente algumas maquetes, e o processo ainda vai ser ampliado, para novos reinos na África (como o Reino Kush, ou Cuxe), entre

outros temas em planejamento. É claro que pensar em uma estrutura linear, desde o século XII com Grande Zimbábwe (até século XV), passando pelo tráfico negreiro (do séc. XVI –XIX), a escravidão no Brasil com a Casa Grande & Senzala, passando pela resistência e criação dos quilombos, a recaptura dos escravos e a charqueada São João, até a marginalização no cortiço, há muito que se discutir, porém não se esgota em uma atividade.

A produção de maquetes é um material complementar, auxiliar, que é disponibilizado aos professores da rede básica de ensino público como forma de retribuição que a Universidade deve aos cidadãos. As histórias nela representadas só farão sentido se mudarem o comportamento das pessoas ao observar que, mesmo que algo seja permitido legalmente, não significa que seja correto, como é o caso da escravidão. Da mesma forma, repensar o papel dos atores sociais em um país tão polarizado e excludente, serve pelo menos para repensar a necessidade do ensino de história, em todas os seus desdobramentos.

## Referências

- ALVES, Castro. **O Navio Negreiro**. Primórdios do Fantástico Brasileiro, EX! Editora, 2016. Domínio Público.
- ANTUNES, Celso. **Trabalhando Habilidades: Construindo Idéias**; Editora Scipione, São Paulo, SP, 2002.
- AREND, Jéssica Fernanda; PACHECO, Calison Santos; SOARES, André Luis R. Maquete e ensino de História: Cotidiano no Antigo Egito e a lei 10.639/2003. **Revista do Lhiste**, Porto Alegre, n. 3, vol. 2, jul/dez. 2015. P 558-582.
- AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. (1890). São Paulo, Editora Moderna, 1991.
- DWORECKI, Carla. **Tesouros do Brasil. Valorizando nosso patrimônio, preservando nossa cultura**. Livro do Professor. LAFABRICA, São Paulo, SP.
- FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**, São Paulo, Global editora, 1ª edição digital, 2019.
- FRITZEN, Silvino José. **Jogos dirigidos para grupos, recreação e aulas de Educação Física**; Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 2002.
- FUNARI, Pedro Paulo de Abreu. A “República de Palmares” e a Arqueologia da Serra da Barriga, **Revista da USP**, 28, p. 6-13. 1996.
- GARBINATTO, Valeska. “Não tá morto quem pelea” – os desafios do ensino de História diante da atual realidade escolar. **Ágora**, Santa Cruz do Sul, v. 15, nº 2, p. 156 -168, jul./dez.2009.
- GARBINATTO, Valeska; FRAGA, Gerson Wasen. O giz e o chicote: reflexões sobre currículo e prática de ensino de História da África. **Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História**, Florianópolis, 27 a 31 de julho de 2015.
- HORTA, Maria de Lourdes Parreiras;GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz; **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Museu imperial, Rio de Janeiro, RJ, 1999.
- LOPES, William Molinos; SOARES, André Luis Ramos. A Cultura Negra Através da Educação Patrimonial: Maquetes como Ferramenta para o Ensino de Valores Humanos. **Ágora**, Santa Cruz do Sul, v. 15, n. 2, p. 179 a 186, jul./dez. 2009.
- MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro. **Educação Patrimonial: Orientações Para Professores do ensino fundamental e médio**; Maneco livr. & Ed, Caxias do Sul, RS, 2004.
- MAGALHÃES, Mário Osório. **Opulência e cultura na província de São Pedro do Sul: um estudo sobre a cidade de Pelotas (1860-1890)**. Pelotas: Ed. UFPEL; Livraria Mundial, 1993.
- NIDELCOFF, Maria Teresa. **A Escola e a Compreensão da Realidade**. Brasiliense, São Paulo, SP, 1987.
- RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A Danação do Objeto – O museu no ensino da História**; Argos ed. Universitária, Chapecó, SC, 2004.
- ROCKENBACH, Denise; MARQUETI, Elza; ALVES, Glória; CUSTÓDIO, Vanderli. Série Link do

Espaço. **Suplemento do Professor**. São Paulo: Moderna, 2002.

SANTOS, Nicéia Oliveira dos. **A superfície das águas: história e memória da elite pelotense**. Dissertação de Mestrado em Literatura, Fundação Universidade de Rio Grande, Rio Grande, 2008.

SOARES, André Luis Ramos. Educação Patrimonial na Universidade Federal de Santa Maria: O Núcleo de Estudos do Patrimônio e Memória e sua inserção na comunidade. **X Cidade Revelada**, Encontro sobre Patrimônio Cultural, Itajaí, SC, 2007. CD-Rom.

SOARES, André Luis Ramos; MACHADO, Alexander da Silva; HAIGERT, Cynthia Gindri; POSSEL, Vanessa Rodrigues. **Educação Patrimonial: Relatos e experiências**; Editora UFSM, Santa Maria, RS, 2003.

SOARES, André Luis Ramos; ROSA, Andrielli Matos da ; VEDOIN, Carolina Bevilacqua; CORREA, Thaise Vanise. Dinamicidade no Ensino Formal: Resgate Histórico através de Maquetes. História e Diversidade [Recurso eletrônico] **Dossiê: Ensino de História e História da Educação: caminhos de pesquisa** (Parte II) - [2014/II]. Revista do Departamento de História. Cáceres, UNEMAT, vol. 5, nº 2 (2014) Disponível em : <https://periodicos.unemat.br/index.php/historiaediversidade/article/view/223/217>, último acesso 10/11/2019. Pg. 53-69.

VARGAS, Jonas Moreira. “As mãos e os pés do charqueador”: o processo de fabricação do charque e um perfil dos trabalhadores escravos nas charqueadas de Pelotas, RS (1830-1885). **Saeculum, Revista de História** [36]: João Pessoa, jan/jun. 2017. P. 153 – 174.

WESTON, Mark S. WESTON, Denise Chapman; **Aprender Brincando: Atividades para construir o caráter, a consciência e a inteligência emocional das crianças**; Ed. Paulinas, São Paulo, SP, 2000.